

**MULHERES NEGRAS EDUCADAS: TRABALHOS MANUAIS E  
POSSIBILIDADES DE (RE)CRIAÇÃO DE PEDAGOGIAS NÃO-ESCOLARES**

CUNHA, Aline Lemos da\* – UNISINOS

GT-06: Educação Popular

Agência Financiadora: CNPq

*“As mulheres são... o segundo sexo,  
e em relação a cuja fraqueza deve-se,  
por conseguinte, ter consideração.”*

Arthur Schopenhauer

*“Amo o que é difícil.”*

Flora Tristan

Os trabalhos manuais que envolvem práticas como o tricô e o crochê são notoriamente difundidos como “atividades femininas”. Suas mãos ocupadas impediriam que as mulheres pudessem tocar-se ou ainda, pensar “lascividades” como durante um bom tempo foram considerados o desejo sexual e a paixão. Porém, segundo o que descreveu Schopenhauer (2004) em seu tempo, a voz das mulheres não se podia calar, não é por acaso que a expressão “tricotar”, na atualidade, é reconhecida como conversa entre mulheres.

Sendo assim, considero que os trabalhos manuais que tinham por finalidade “segurar” as mulheres, sucumbiram em seus propósitos, pois colocaram as algemas em lugar equivocado. Não eram as mãos que estavam libertando as mulheres, era as suas vozes e através delas, a possibilidade de articulações com as demais.

No âmbito da superação dos condicionantes, é visível o esforço das mulheres. Nem sempre os protagonismos femininos, ao longo da história, têm sido calcados por mudanças radicais em sua existência. Alguns deles são fruto de pequenas reformas cotidianas que, em cada caso, promovem alguma superação, mas não acreditamos que este seja o fim desejável. Precisamos das mudanças radicais para vermos a devida transformação da condição subalterna que, ainda, está imposta (LUXEMBURGO, 1999).

Percebendo no pensamento de Schopenhauer (2004) elementos suficientes para considerar a rejeição das atividades femininas como as vivências *párias*<sup>1</sup> descritas por Flora Tristan (KONDER, 1994), também é possível vislumbrar nelas novas alternativas

---

\* Grupo de Pesquisa: Processos de Exclusão Social e Educação Básica – UNISINOS – Orientadora: Profª Drª Edla Eggert.

<sup>1</sup> Pessoas que a sociedade relega a segundo plano (KONDER, 1994, p.48).

para as mulheres. Com essa premissa, sugiro a reflexão sobre o ensino e a aprendizagem de trabalhos manuais, situando esta experiência em um grupo específico de mulheres: as negras. Considerando a superação destas mulheres, ao longo da história do Brasil desde o período escravagista até a atualidade, é possível conceber seus movimentos em busca de autonomia e emancipação. Ainda mais, investigo as possibilidades de que, nestes grupos de artesanato possa haver elementos primordiais para uma reflexão sobre a Pedagogia.

Dos tantos sobrenomes que a Pedagogia possui, para citar alguns: a Pedagogia de Projetos, a Pedagogia Social, a Pedagogia do Oprimido – inicialmente estive receosa de ingressar no campo pedagógico com mais um destes sobrenomes. Porém considero que estas manifestações das mulheres em suas possibilidades de ensinar e aprender requer uma conceituação peculiar.

Por que as chamo de *Pedagogia da não-formalidade*? Embora a definição de “formal” e “não-formal” seja algo posto em discussão, pois no que diz respeito a este assunto as fronteiras são muito tênues, vale a pena considerar tais conceitos. Entendemos aqui por “formal” toda a prática educativa que se realiza em ambientes formais de instrução: escolas, universidades... e a “não-formal”, aquelas que de alguma maneira tem instituições que a cercam, porém, uma não sobressai da outra.

Este, para mim, é o caso das mulheres que constituem grupos que se reúnem para aprender e ensinar tricô, crochê, bordados e outros trabalhos manuais notoriamente “femininos”. Escola, família, terreira, igreja... são apenas algumas das instituições em que estão inseridas, mas no grupo que pode ocorrer em uma escola, igreja, terreira ou outro espaço que se torna educativo, não há como separá-las ou decretar a sobressalência de uma.

Também as tenho chamado de experiências *não-escolares*, pois a partir da história das mulheres negras no Brasil é possível perceber que o espaço escolar/acadêmico não era frequentado por elas e que, ainda na atualidade, há a proposição de ações afirmativas no sentido de promover o seu ingresso nestes lugares. Muitas mulheres negras de classe popular ao falarem da escola, a concebem como um lugar necessário, “um tudo”, fundamental para a ascensão social, porém ao serem questionadas sobre o fato de não optarem, terem abandonado ou terem sido abandonadas pela escola, declaram “*não é para nós*”, produzindo saberes por outra via, mas sem deixar de fazê-lo. Construiu-se, a partir daí, uma forma de resistência feminina

negra, baseada em “miudezas” do cotidiano, o que Ivone Gebara<sup>2</sup> denominou “epistemologia da vida ordinária”.

Mesmo que, atualmente, perceba-se nas mulheres uma postura bem mais conivente com o sistema no qual estão imersas, é possível encontrar indícios de uma luta por emancipação no seu cotidiano. A realidade apresentada e o reconhecimento de sua condição, não impede que, desde longa data, mulheres negras venham lutando por seus direitos e por mais justiça social. Desde a militância institucional em coletivos de mulheres negras vinculados a ONGs (Organizações não-governamentais), na pesquisa acadêmica, nas ações em prol de políticas públicas etc. até as práticas cotidianas realizadas por mulheres com pouca visibilidade social, em salões de beleza étnicos ou grupos de artesanato, podemos encontrar indícios desta afirmação. É possível ver a superação de condicionantes e a busca por emancipação destas mulheres em atividades que anteriormente, poderiam ser consideradas eficientes para aprisioná-las ou desprovidas de ganho intelectual.

Na atualidade, mulheres negras (re)inventam seus espaços, são capazes de ensinar e aprender, desenvolvem técnicas que facilitam suas tarefas cotidianas, sustentam suas famílias e recuperam saberes ancestrais na atualidade (através da religiosidade de matriz africana, das benzeduras, das receitas, das práticas profissionais que atravessam os tempos). Para além disso, consolidam formas de ensinar e aprender que surpreendem por sua complexidade.

Talvez nossas análises, estejam longe de realmente apresentar considerações que retratem o que acontece. Realidades mutantes, metamorfoseadas, fazem parte da complexidade de nossa existência nos dias atuais. Todo este universo, perverso e real, pode corroborar a idéia de um Brasil que luta contra as distinções raciais e de gênero, mas que, ao mesmo tempo, ainda guarda resquícios de um processo de escravidão do qual se envergonha, mas, também, paradoxalmente, nutre alguns conceitos sobre a mulher negra.

Na sua vivência diária, as mulheres constroem saberes e talvez nem percebam. Porém, em suas experiências coletivas, como num grupo de aprendizado de trabalhos manuais, é possível reconhecer mulheres que superam, diariamente, inúmeros

---

<sup>2</sup> Teóloga feminista – Conceito discutido no II Congresso de Gênero e Religião da EST/São Leopoldo-RS no ano de 2006.

condicionantes sociais através de uma epistemologia cotidiana, onde sua voz, não consegue ser escondida.

Durante os encontros do grupo de artesanato, é possível perceber o lugar central que a “professora” assume perante suas “alunas”. Faz questão de apontar modelos para elas, mas mesmo que exija a cópia fiel do que mostrou, um pouco de rebeldia se manifesta nas aprendentes, pois os trabalhos sempre ficam diferentes entre si, embora sigam o mesmo referencial. O modelo parece ser o princípio fundamental. A mesa fica repleta de amostras, trabalhos prontos, idéias que podem ser seguidas. A professora, aparentemente, não se preocupa em corrigir os erros, mas evitar que eles aconteçam e, para isso, inclusive, faz pelas alunas algumas das tarefas que lhes são destinadas, para que tudo corra bem.

Não há, preocupação com que diversas atividades sejam feitas ao mesmo tempo e que umas sejam as professoras das outras, portanto, a homogeneização dos trabalhos não se dá através do ensino de uma técnica por vez. Geralmente, são notórias várias atividades em um mesmo lugar: umas aprendem tricô, outras crochê, outras ainda pintura... Quando a atividade é única, proporciona que a conversa aconteça entre todas. Quando há uma multiplicidade de atividades, geralmente a conversa se apresenta em pequenos grupos, mas não deixa de acontecer.

Observar grupos de produção manual feminina pode co-laborar na estruturação de uma teoria que venha a expressar *pedagogias da/na não-formalidade* e, por este motivo, observo e participo de um grupo de mulheres que se reúne para aprender “crochê de grampo”. Esta prática não-escolar que, ocorre no refeitório de uma Escola Estadual, constitui o campo empírico da pesquisa que realizo em meu processo de Doutorado em Educação.

Para além da valorização de uma prática de trabalho manual que já está em extinção no Rio Grande do Sul, considero em meu ato pesquisador a possibilidade de vislumbrar, através da “professora de crochê” pedagogias que são gestadas por pessoas sem formação pedagógica e escolar. Tal estudo pode contribuir com novas considerações sobre o fato de que processos educativos ocorrem em diferentes lugares e tempos, de diferentes formas e com diversos protagonistas. Neste sentido, podemos considerar que existe ato educativo em processos de aprendizagem de trabalhos manuais, mesmo que estas práticas sejam consolidadas fora do espaço acadêmico.

Um estudo como este também objetiva refletir sobre os lugares e (entre)lugares da Pedagogia no âmbito da sociedade. Busca, na medida do que é realizável, minimizar

de alguma forma a brusca distinção e hierarquização das práticas escolares e não-escolares, sem que uma “amedronte” a outra. Vimos nos relatos de algumas(uns) pedagog@s que “todo mundo se arvora a ensinar”, ou ainda, do outro lado “os acadêmicos acham que só eles sabem tudo”. Tendo ciência de que ambos os espaços precisam dialogar para aprender entre si com suas próprias limitações, não é um ganho para o campo da Educação que este abismo permaneça entre estas duas manifestações do ensinar e do aprender.

Considero, com isso, que este “medo” da perda de espaço que é visível nos discursos d@s pedagog@s, é parte integrante de uma insegurança própria de quem, por si só, desconhece seus porquês, para quês, para quem e contra quem está. Sendo assim, se auto-flagela e destrói. Neste sentido, é fundamental que @s pedagog@s possam refletir sobre estas questões básicas para a prática educativa.

A meu ver, o que distingue a formalidade da não-formalidade, neste sentido, são as formas de sistematização. O que isto significa? Como o próprio radical das palavras o expressa, são “formas”, diversas e, muitas vezes, distintas, porém não considero que em algum momento sejam antagônicas. Não há perfeição em nenhuma delas e há possibilidades de emancipação em ambas.

Finalizo retomando as passagens que destaquei anteriormente a partir de Schopenhauer e Flora Tristan: é notória a vivência das mulheres como *párias* na sociedade que vivemos. Provavelmente e infelizmente, ainda hoje, Schopenhauer conseguiria corroborar algumas de suas teses que nos parecem mais absurdas, porém, como prevê Flora *ao amar o que é difícil* as mulheres podem superar os condicionantes, (re)criar pedagogias e, a partir das formas de sistematização, apropriação e difusão dos seus saberes, almejem novas possibilidades de ser e estar no mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. 285p.

KONDER, Leandro. **Flora Tristan**: uma vida de mulher, uma paixão socialista. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. 126 p.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4.ed. Coyoacán: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. 884p.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou Revolução?** São Paulo: Expressão Popular, 1999.

MARIA Aparecida Silva Bento: A mulher negra no mercado de trabalho. **Revista de Estudos Feministas [da] UFSC**, ano 3, v.2 p. 479-488. 2. semestre, 2005. Disponível em: <<http://www.portalfeminista.org.br/REF/PDF/v3n2/Bento>>. Acesso: 09 jun. 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de lidar com as mulheres** - Introdução e notas de Franco Volpi. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 112 p.